

## RESUMOS

## RESUMOS

**O Futuro do Passado de Macau: Um Epílogo**

Este artigo resume as perspectivas e opiniões de peritos expressas na Conferência “Conservação do Património Urbano: Visão de Macau” (Centro Cultural de Macau, 10-12/9/2002), que foi descrita pelo Chefe Executivo da Região Administrativa Especial de Macau, Dr. Edmund Ho, como uma referência para o planeamento e desenvolvimento urbanos a longo prazo de Macau. O autor escreve um “resumo de visões”, esperando que possa ajudar a “lançar as bases” para a conservação do património de Macau, assim como o planeamento do seu futuro, de acordo com três aspectos principais: (1) significado cultural; (2) conservação e desenvolvimento urbano; e (3) valor económico da conservação do património.

(1) Macau já tem um sistema cultural próprio, devido ao seu desenvolvimento histórico sob a antiga administração portuguesa. A mistura única de Ocidente e Oriente de Macau – as raízes cantonesas e o legado português – define o seu carácter cultural em sentido lato. A missão e visão cultural de Macau é, portanto, permanecer um espaço de troca entre o Oriente e o Ocidente (*significado*), cujo esteio dominante é o seu autêntico, sustentável e bem gerido património cultural (*papel da cultura*). Este património cultural, apoiado pelo entretenimento moderno, turismo e indústrias convencionais (*estratégia de desenvolvimento geral*) sob o princípio “um país, dois sistemas”, servirá para melhorar a qualidade de vida da comunidade local (*assegurar a sustentabilidade*).

(2) Macau tem potencial para se estabelecer no mundo como uma grande cidade cosmopolita, especialmente quando as novas indústrias de jogo estiverem instaladas e em funcionamento. Isto acontece em grande parte devido à prontidão do governo e da comunidade em aceitar

novas ideias e novas tendências e, mais importante, ao desejo da população local de se abrir aos estrangeiros – investidores internacionais, trabalhadores expatriados e turistas estrangeiros – e de os aceitar como membros da comunidade de Macau. Esta política de ‘porta-aberta’, frisa o autor, tem de ser mantida para sustentar a imagem e características de Macau como cidade cosmopolita. O desenvolvimento de Macau concentrar-se-á na economia e, em particular, como fornecedor de serviços para as indústrias de jogo e turismo. A natureza de tal desenvolvimento económico, se deixado sem controle, pode resultar numa sociedade cada vez mais dominada por especuladores e oportunistas. Felizmente este problema tem sido reconhecido e a próxima questão será como impedir que esta situação ocorra.

(3) A ideia de usar o património como local para bons negócios não é nada de novo em Macau. Sessenta por cento da receita do retalho de Macau provém de lojas situadas nas zonas de conservação. Esses exemplos de sucesso podem demonstrar ao público o valor económico que pode trazer a preservação do património. A transformação, com grande sucesso, do Largo de Senado em zona pedestre, em termos do aumento de negócio que trouxe aos proprietários de lojas, e o enriquecimento do ambiente físico e socioeconómico, é um caso exemplar para demonstrar à comunidade os benefícios da conservação. Os comentários e opiniões dos participantes da conferência convergem ao considerar que, se Macau deseja tornar-se uma cidade do mundo, o governo terá de continuar a investir na conservação do património. O objectivo social principal dessa empresa é melhorar a qualidade de vida dos residentes de Macau, assim como elevar o nível da consciência do público acerca do seu património. Isto irá ajudar a nutrir um forte sentido de orgulho e entendimento entre as gentes de Macau. [Autor: David Lung, pp. 12-16]

**A Gestão das Cidades Património Mundial: Evolução de Conceitos, Novas Estratégias**

Ao longo dos últimos trinta anos, os países asiáticos conheceram uma prosperidade económica sem precedentes, resultante de uma estratégia que privilegia o investimento de capital em infra-estruturas e trabalho na promoção da renovação urbana, indústria pesada, agro-comércio e turismo. Contudo, esta estratégia fez com que os recursos ambientais e culturais dos países da região pagassem um preço bastante pesado. Enquanto que os danos causados aos recursos ambientais já foram reconhecidos há algum tempo, apenas recentemente se reconheceu que esta estratégia conduziu a uma alarmante delapidação dos valores comuns do “capital cultural”. Estão particularmente ameaçados os bens culturais que constituem o nosso património urbano – o núcleo das históricas, mas ainda vibrantes, cidades e vilas.

A globalização, e em particular a urbanização, tornaram evidente a necessidade de concretizar urgentemente uma acção concertada e estratégica, a nível mundial, para proteger os nossos recursos mundiais, de forma a assegurar que estes recursos básicos sejam sustentáveis pelo maior período de tempo possível. Isto constitui nada menos do que um novo paradigma de conservação, integrando a conservação do património com o desenvolvimento. Os nossos recursos patrimoniais já não são meramente vistos como singulares peças de museu, ou velhos edifícios delapidados, ligeiramente assustadores. Ao invés, apercebemo-nos agora de que o nosso património construído de edifícios, espaços públicos, jardins, casas, hospitais, teatros – mesmo casinos – são todos *bens* culturais que devem ser protegidos e desenvolvidos, usados e preenchidos, à medida que construímos uma vida futura incorporando o melhor daquilo que aprendemos com o passado. É neste exercício – dar ao património uma vida no futuro da cidade – que

## ABSTRACTS

Macau está agora empenhada na sua corrida ao estatuto de Património Mundial.

[Autor: Richard A. Engelhardt, pp. 17-25]

### **Significado Cultural de Macau e Visão: São, ou Podem Ser, Compatíveis?**

Após a transferência de soberania de Macau de Portugal para a China, a 20 de Dezembro de 1999, ocorreram muitas mudanças significativas. A mais importante foi a quebra do monopólio de jogo do magnata Stanley Ho, que durava há 40 anos. O fim do monopólio abriu caminho para investimentos de enormes quantias por parte de dois gigantes do jogo com sede em Las Vegas, e pela nova empresa do Sr. Stanley Ho. Os investimentos significam nova cultura, nova perspectiva cidadina, novas gentes, novas formas de economia e operação.

A questão que agora emerge é a de se estes novos desenvolvimentos terão um impacto adverso no estilo de vida da população e no significado cultural do território.

O trabalho tenta, primeiro, olhar o significado da herança cultural de Macau e a sua visão. Depois avança para a análise da compatibilidade da visão do território com o significado da sua herança cultural. Em termos de metodologia, é usado o modelo desenvolvido pela UNESCO no seu projecto "Culture Heritage Management and Tourism: Models for Cooperation among Stakeholders" para analisar a compatibilidade da herança cultural de Macau com a sua visão. Em conclusão, nenhuma das duas possíveis visões de Macau apresentadas, discutidas e analisadas podem tomar a herança cultural como a consideração primária para o turismo ou como o centro em torno do qual o turismo se move. No melhor cenário, tal como na primeira visão, pode esperar-se que a cultura esteja em situação de igualdade, ou seja parceira do entretenimento moderno para atrair turistas.

No pior cenário, a cultura pode ser relegada para os bastidores do

desenvolvimento económico, no qual o esteio principal é a indústria do jogo. Consequentemente, o desafio que se apresenta ao Governo da R.A.E. de Macau, e em especial ao Instituto Cultural de Macau, é o de concentrar todos os seus esforços na promoção da herança cultural do território como parceiro de igual importância ao da indústria de jogo para atrair turistas. A UNESCO, no entender do autor deste trabalho, não exigirá menos, se o território desejar ser inscrito na Lista do Património Mundial.

[Autor: Ferdinand J. Lamarca, pp. 26-34]

### **Abordagem à Gestão da Transformação Urbana em Cidades Históricas**

Este trabalho tenta chamar a atenção dos intervenientes na gestão de cidades históricas para uma direcção diversa daquela dos instrumentos convencionais legais e de planeamento usados para avaliar a adequação da gestão (sobretudo no contexto das nomeações para Património Mundial), por forma a procurar meios alternativos de definição de indicadores que retratem com maior precisão essas qualidades e processos críticos para a sobrevivência dos valores nucleares das cidades históricas.

Com este objectivo, o trabalho debruça-se sobre aquilo que é mais importante manter nas cidades históricas, a partir de três perspectivas diferentes: 1) Compreender as forças de transformação que orientaram a mudança na época anterior à do envolvimento do governo no planeamento da conservação; estudar os diversos factores importantes na evolução a longo prazo, marcada pela herança, das cidades históricas; 2) Analisar de perto a natureza das qualidades que parecem atrair tanto visitantes como residentes às cidades históricas: autenticidade, integridade e continuidade, e as relações entre estas; 3) Analisar de perto a natureza dos esforços bem sucedidos na gestão dos processos dinâmicos de mudança no interior das cidades históricas modernas, através de programas e iniciativas orientados por uma preocupação de integração da herança no contexto da

actividade de desenvolvimento principal. O trabalho conclui com uma breve lista de pontos indicadores, sugeridos com o intuito de revelar um sentido mais claro das capacidades da cidade histórica para gerir e absorver forças exteriores, mantendo intactos os seus valores básicos, respeitando-os nas tomadas de decisão, em vez dos instrumentos tradicionais promovidos pela prática convencional de conservação, que são agora requisitos standard de grupos como o World Heritage Committee na avaliação de potenciais nomeações para a Lista do Património Mundial.

[Autor: Herbert Stovel, pp. 35-44]

### **Questões Correntes Relativas à Reutilização Adaptada na Conservação da Herança Cultural Urbana**

A reutilização adaptada é um dos métodos mais eficazes de devolver vida a estruturas históricas. Muitas vezes é necessária quando a viabilidade económica é um objectivo da conservação. Existem pelo menos três aspectos positivos da reutilização adaptada e que são: a) preservação bem sucedida do edifício histórico; b) redução de custos com novas construções; e c) redução da exploração dos recursos naturais no processo de produção de materiais de construção. Não obstante tais vantagens, devem ser tomadas precauções na aplicação da reutilização adaptada a certas zonas de conservação, em particular aquelas que se situam em ambientes culturalmente ricos, como Macau e muitas cidades asiáticas. Os argumentos recentes a favor da reutilização adaptada podem ser ilustrados em três questões, i.e., novas utilizações adequadas, limites legais e impacto da emergência de uma classe média/alta. Não existe nenhuma solução óbvia ou universal na tomada de decisão sobre quais serão as actividades apropriadas para substituir as existentes e antiquadas, em todas as zonas de conservação. As novas utilizações podem provir da análise de dois factores – a procura natural de novas actividades e a política governamental de controle e orientação do desenvolvimento na zona

## RESUMOS

de conservação. Contudo, as novas utilizações poderão não ser exequíveis devido a limitações sob a forma de regulamentações de construção. Um rígido controle de desenvolvimento, segurança e padrões mínimos podem constituir obstáculos às novas utilizações propostas e que exijam alterações aos edifícios de forma a ir de encontro à procura actual. À medida que a reutilização adaptada traz melhorias físicas às zonas de conservação, as comunidades locais existentes podem ser consideradas como “grupo não qualificado” e o seu lugar pode ser ocupado por novos habitantes que cheguem com novas aspirações e riqueza. O processo de emergência de uma classe média/alta é frequentemente uma consequência da reutilização adaptada e nem sempre respeita a autenticidade cultural e a integridade do tecido urbano na zona de preservação. Em relação às três questões presentes, não existe uma solução totalmente vantajosa para a reutilização adaptada. As recomendações alternativas às entidades que definem políticas são: a) uma abordagem “do fim para o início”, que permita ter zonas de conservação planeadas e investimento privado, com aceitação da emergência de uma classe média/alta; ou b) abordagem “grassroots”, em conjunto com a opinião pública, para obter um maior envolvimento das comunidades existentes com tolerância de menores melhorias físicas; ou c) trabalhar em parcerias, o que exige um entendimento recíproco e atempado de todos os grupos envolvidos e a valorização das capacidades dos residentes existentes. [Autor: Yongtanit Pimonsathean, pp. 45-51]

### Significado Cultural. A Identidade de Macau

Nos interstícios de duas entidades políticas e de duas culturas dominantes, na periferia do sul da China, Macau adquiriu uma identidade específica. A noção de “identidade” está sobretudo relacionada com um sentimento de comunidade, baseado na história e na cultura. Para desenvolver identidade individual e amor-próprio, um povo

necessita de se identificar com uma comunidade e de se fundir numa tradição colectiva, que aglutinou experiências comuns e atributos culturais. Após a fundação de Macau como colónia portuguesa, o “estilo de vida global” de Macau vacilou entre duas civilizações diferentes e o seu fluxo cultural foi complexo e dialógico. No despertar do encontro interactivo, a presente identidade cultural de Macau está radicada nesta herança sino-portuguesa. Macau já se orgulhou de ser uma cidade religiosa, com mais igrejas e capelas por quilómetro quadrado do que qualquer outro local do mundo. Está também repleta de templos chineses, constituindo, assim, um espaço religioso distinto, de dupla face. Mas esta cidade “Santa” está também salpicada de monumentos e estátuas eclécticos, para não mencionar casinos e bordéis, resultando num território no qual a virtude e o vício coexistem numa articulação multicultural. Na aurora do terceiro milénio, Macau recebeu uma nova identidade e foi meticulosamente preparada para ser um vibrante centro de turismo na região do delta do rio da Pérola. As questões pertinentes são agora: Qual é o significado da identidade de Macau? Porque motivo é única a sua herança cultural? Na encruzilhada do Oriente com o Ocidente, como podem os macaenses – um grupo híbrido – afirmar a sua ambivalente identidade pessoal? [Autor: Christina Miu Bing Cheng, pp. 52-63]

### Influência da Medicina Tradicional Chinesa nas Mezinhas de Casa das Nhonbona de Macau

Dos vários indicadores de identidade cultural dos luso-descendentes de Macau um dos menos conhecidos refere-se às ditas “mezinhas” ou “mizinhos de casa”, que reflectem a posição dos macaenses perante os problemas da saúde e da doença, problemas que nem sempre foram fáceis de resolver em Macau ao longo da sua história.

Toda a cultura tem a sua dinâmica e cada momento um antes e um depois. Referir-nos-emos, por isso mesmo, apenas, ao antes porque o depois foi estudado por nós a partir do inquérito dirigido a uma amostra de 350 indivíduos em 1990/91.

Neste nosso trabalho procuramos demonstrar o hibridismo biocultural dos portugueses luso-descendentes de Macau através de um indicador significativo: as “mezinhas de casa” das *nhonbona* de Macau que ainda algumas pessoas utilizam e de que outras guardam, apenas, uma nostálgica lembrança. Diziam-nos, sorrindo, as senhoras idosas de Macau nos meados do século XX: *Vós podi crê. Nossa mizinha tem valor... justo tem.*

[Autor: Ana Maria Amaro, pp. 64-79]

### Múltiplas Identidades entre os Portugueses de Malaca

À primeira vista, um forasteiro ingénuo tende a reproduzir uma visão altamente estereotipada e simplista dos moradores supostamente luso-descendentes do *Portuguese Settlement*, um bairro urbano de alguns milhares de habitantes localizado à beira-mar na cidade de Malaca na Malásia ocidental. Neste artigo teoricamente interrogativo, baseado em trabalhos de terreno etnográficos elaborados ao longo dos anos 90, o autor propõe uma desconstrução multifacetada desta imagem, apontando para uma interpretação mais complexa de três níveis sobrepostos e entrelaçados de identidade social. A população Kristang de “euroasiáticos portugueses” demonstra sentimentos dissonantes face a situações específicas, invocando ora uma, ora outra, das suas múltiplas identidades: a sua identidade *nacional* marcadamente reservada, distancia-os significativamente da cultura malaia ao passo que a sua identidade *cultural* os leva a emular praticamente tudo que origina na sua pátria perdida (Portugal). Finalmente, detecta-se um nível mais escondido de identidade *étnica* nas disposições idiossincráticas, mas tímidas, deste grupo crioulo.

## ABSTRACTS

As designações locais evidenciam uma influência portuguesa forte, embora filtrada (os apelidos, os nomes de ruas, os monumentos, os epítetos do bairro, a culinária e uma língua crioula viva), enquanto os ranchos folclóricos recriam danças, música e traje transplantados de Portugal nos anos 50, através dos esforços conseguidos do Estado Novo no sentido de incorporar dentro do seu império colonial todas as remotas comunidades asiáticas com presumidas evidências da “presença portuguesa”. No entanto, estas marcas performativas europeias do século XX constituem, de facto, importações bastante recentes e não devem obscurecer a nossa visão: um exemplo curioso – as *bodas antigas* encenadas – indica um reavivar de práticas genuinamente tradicionais dos Kristang, mas que não exprimem qualquer elo com Portugal. Os trabalhos de Barth sobre a ambiguidade étnica em Bali e a “teoria da prática” de Bourdieu são conjugadas com a noção de *créolité* (crioulidade). Nem por um lado objectivista, nem por outro subjectivista ou puramente situacionista, a postura hiper-modernista do autor evoca cuidadosamente a natureza caleidoscópica das lealdades identificatórias divergentes dos Kristang, mesmo que estas sejam ao mesmo tempo contraditórias, incongruentes ou ilusórias. Mas os agentes sociais não possuem liberdade absoluta em arenas abstractas; não são camaleões étnicos que se movimentam voluntariamente. A corda umbilical exagerada e saudosista que liga os Kristang simbolicamente a Portugal pode ser explicada como fenómeno recente, subtilmente sobreposto a um elemento malaio mais antigo. Desde *Merdeka* em 1957, uma das suas múltiplas identidades tem sido suprimida ao passo que, simultaneamente, outra (injectada do exterior) ficou dilatada. Uma identidade anteriormente crioula com um carácter malaio mais explícito foi *deslocada* por uma identidade portuguesa novamente adoptada, com conotações subliminais quase xenófobas.

Quem, então, realmente são os portugueses de Malaca?  
[Autor: Brian Juan O’Neill, pp. 80-105]

### O Sudeste Asiático na *Suma Oriental* de Tomé Pires

Tomé Pires celebrou-se como primeiro embaixador português enviado à China, onde viria a residir entre 1517 e cerca de 1527, data provável do seu desaparecimento. Ainda na Índia, o conhecido boticário conclui o manuscrito da *Suma Oriental*, o primeiro grande tratado de geografia asiática preparado por um europeu. Especial destaque merece, na *Suma Oriental*, a secção dedicada ao Sudeste Asiático, de longe a mais extensa, a mais inovadora e a mais bem documentada. E, neste aspecto, o tratado de Tomé Pires constitui uma fonte histórica de extraordinário valor a múltiplos níveis: como obra revolucionária no contexto da história da geografia europeia; como documento insubstituível na construção da história do Sudeste Asiático; como vastíssimo repositório de informações etnográficas, muitas delas inéditas e obtidas em primeira mão, sobre as populações que habitavam as inúmeras ilhas do arquipélago indonésio; como testemunho de um momento privilegiado na história das relações da Europa com a Índia. A obra do tratadista português, na verdade, apresenta o último grande retrato do Sudeste Asiático antes da chegada em força dos europeus. Daí para diante, muita coisa iria mudar.

[Autor: Rui Manuel Loureiro, pp. 106-123]

### Vozes da Literatura Portuguesa de Macau

Este artigo debruça-se sobre o desenvolvimento e o impacto de uma literatura de Macau, em português, no decorrer do último século da sua História como território português. Embora não se proponha fazer uma análise do trabalho de todos os autores que residiram ou visitaram Macau durante este período de tempo e cujo

trabalho reflectiu a sua experiência, procura caracterizar essa literatura de acordo com a época. Assim, as primeiras décadas do século XX testemunharam a emergência de uma literatura essencialmente colonial, coincidindo com o estabelecimento de instituições portuguesas modernas no território e representada por escritores tais como Camilo Pessanha, Emílio de San Bruno e Jaime do Inso. O aparecimento de um grupo de intelectuais macaenses na década de 50 demonstra que Macau tinha mais do que apenas algo em comum com outros territórios portugueses, no desejo emergente de proclamar uma identidade local autónoma, através do trabalho de Deolinda da Conceição e, subsequentemente, de Henrique de Senna Fernandes. Os longos anos de transição, que alguns interpretam como tendo começado em 1966, mas que decerto se iniciaram depois de 1974 e atingem o seu auge com a transferência de soberania em 1999, testemunham uma visão de Macau tal como ela é retratada por uma geração seguinte de escritores do final ou do período pós-colonial, que abrange desde autoras como Maria Ondina Braga e Fernanda Dias até autores de ficção como Rodrigo Leal de Carvalho e João Aguiar, sem mencionar o poeta angolano Jorge Arrimar e Yao Jingming, natural de Pequim.

[Autor: David Brookshaw, pp. 124-131]

### Contos da Água e do Vento: Recontos

Da sua nova colectânea de curtas histórias, “Contos da Água e do Vento”, Fernanda Dias traz-nos nesta edição dois contos reescritos a partir de outros tantos *Tang chuanqi* (romances da dinastia Tang, 618-907), narrativas por sua vez elaboradas a partir de relatos do período das “Seis Dinastias” (222-589) sobre factos históricos, prodigiosos ou fantásticos, casos de amor, episódios de cavalaria ou da vida dos letrados. Estes contos – “O Segredo de Sie Siao-Ngo” e “O Enigma do Macaco Branco” – não são meras traduções, mas recriações da autora.

## RESUMOS

Sie Siao-Ngo: uma mulher aparentemente fraca, “uma frágil figura feminina... nimbada de densa melancolia”. Orfã de mãe aos oito anos de idade, mal saíra da adolescência quando salteadores a coberto da noite lhe matam o pai e o marido. Perseguida por um destino implacável, torna-se mendiga, mais para angariar informações do que para garantir a sobrevivência, até encontrar trabalho como servente em casa dos inimigos. Uma força oculta, uma firme consciência do dever e um árduo ascetismo, vão conduzi-la à destruição dos dois homens armados de poder e riqueza.

Para Fernanda Dias a mulher aparece sempre sob o signo da água: doce, dócil e flexível. Como a água que se adapta à forma do recipiente, assim a mulher se molda ao ambiente onde vive, mas,

também como a água, possui uma força vital avassaladora, por vezes destruidora, na sua lenta e persistente capacidade de infiltração. São assim as personagens de Fernanda Dias: mulheres que não enfrentam resolutamente os problemas, mas que conseguem vencer a adversidade. A flexibilidade oposta à brutalidade.

“O Enigma do Macaco Branco” propõe uma visão diferente: a força que apresenta é a força sobre-humana que se reclama “divina”, é o poder masculino. A história conta a aventura de um general e da sua escolta em demanda da esposa raptada por um macaco mítico. Este conto (dos primórdios da dinastia Tang, anónimo) serviu na literatura chinesa como modelo para novelas do sobrenatural e de aventuras, porventura pelo insólito da relação de uma mulher

(ser humano) com um macaco (ser sobrenatural).

Os *Tang chuanqi* foram escritos em chinês clássico (poucas palavras e sem pontuação); hoje em dia, para se compreender bem a história é preciso recorrer a uma versão anotada. Fernanda Dias não sabe ler chinês, mas a maneira como recontou estas histórias em português não deixou empalidecer a beleza destes textos e reflecte o ambiente de mistério da China antiga no conto “Sie Siao-Ngo” e a atracção pelas forças ocultas da natureza em “O Macaco Branco”. Fernanda Dias conseguiu captar a essência das histórias, de modo que sentimos como se a autora por si mesma as transcrevesse directamente da versão original.

[Autores: Fernanda Dias e Stella Lee (Apresentação), pp. 132-141]

## ABSTRACTS

### The Future of Macao's Past: An Epilogue

This article summarises the views and expert opinions expressed in the Conference “Conservation of Urban Heritage: Macao Vision” (Macao Cultural Centre, 10-12/9/2002), which has been described by Chief Executive of the Macao Special Administrative Region, Mr. Edmund Ho, as a reference for Macao's long-term planning and urban development.

The author writes a “summation of views” hoping it can help “lay the foundation” for conserving Macao's heritage as well as for planning its future, according to three main aspects: (1) cultural significance; (2) conservation and urban development; and (3) economic value of heritage conservation.

(1) Macao already has a cultural system of its own through its historical development under the former Portuguese administration. Macao's unique blend of the East and the West—the Cantonese roots and the Portuguese

legacy—defines its cultural character in the broad sense. The cultural mission and vision of Macao, therefore, is to remain a place of exchange between the orient and occident (*significance*), whose dominating mainstay is its authentic, sustainable and well-managed cultural heritage (*role of culture*). This cultural heritage, supported by the modern entertainment, tourism and convention industries (*overall development strategy*) under the “one country, two systems” principle, will serve to enhance the quality of life of the local community (*ensuring sustainability*).

(2) Macao has the potential to establish itself in the world as a great cosmopolitan city, especially once the new gaming industries are in place and running. This is largely due to the government and the community's readiness to accept new ideas and new trends, and, more importantly, the local people's willingness to open themselves to outsiders—international investors, expatriate workers and foreign tourists—and accept them as members of the

Macao community. This ‘open-door’ policy – states the author - has to be maintained in order to sustain the image and characteristics of Macao as a cosmopolitan city. The development of Macao will be focused on the economy, and, in particular as a service provider for the gaming and tourism industries. The nature of such economic development, if left unchecked, may result in a society increasingly dominated by speculators and opportunist. Fortunately, this matter has been recognised, and the next issue will be how to prevent this situation from emerging.

(3) The idea of using heritage as a venue for good business is nothing new in Macao. Sixty percent of Macao's retail revenue comes from shops located in the conservation zones. Such successful examples can demonstrate to the public the economic value that heritage conservation can bring. The highly successful pedestrianisation of Largo de Senado, in terms of the increased business brought to shop owners and the